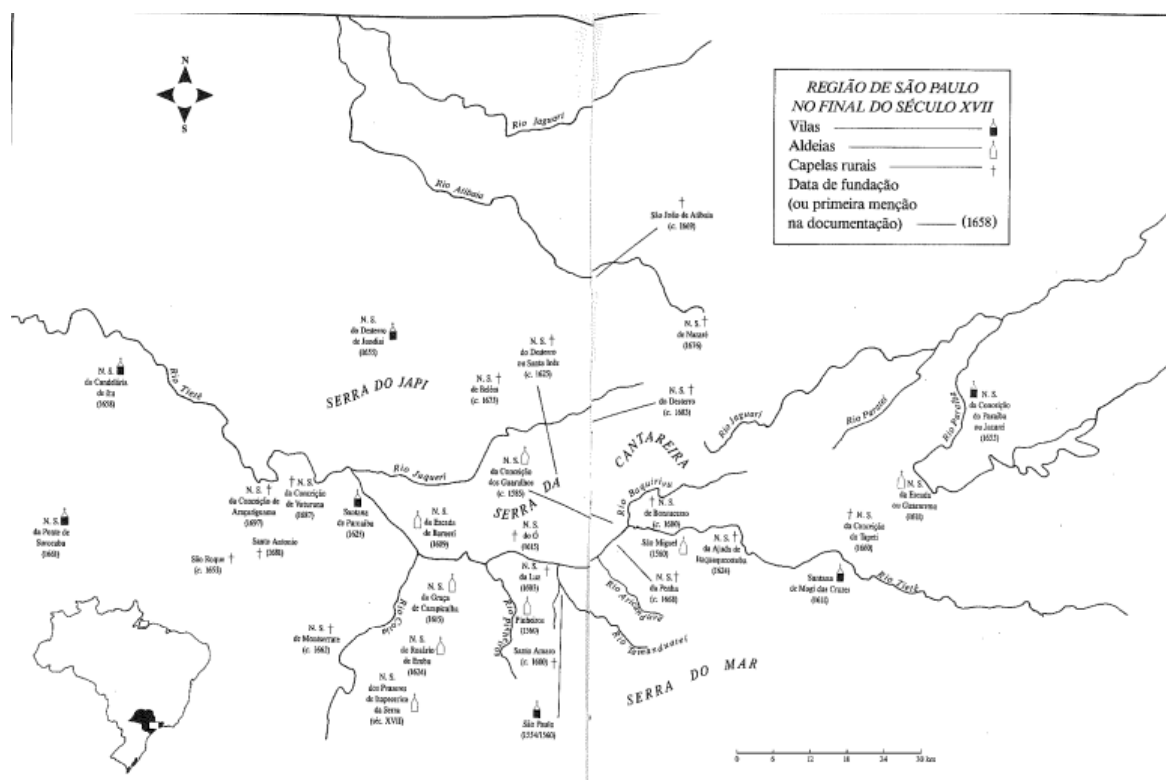




A VIOLÊNCIA DO SERTANISMO PAULISTA E A ESCRAVIZAÇÃO DE ÍNDIGENAS

Alline Souza Pulcini
Gabriel Lucas de Oliveira
Lucas José Tomasi
Sedenir Pedro Moro
Vitor Lourenço

O espaço no qual atualmente situa-se a cidade de São Paulo tem uma história de violência contra os povos indígenas, parte dela ocorrida nos séculos XVI e XVII. Nesse período, o governo metropolitano, interessado em aumentar a exploração de recursos econômicos da América, financiou uma série de expedições para o interior da colônia. Essas expedições eram realizadas por grupos de moradores da capitania de São Vicente e tinham o formato de “bandeiras”, quando eram financiadas pelo governo da colônia, ou assumiam a forma de “entradas”, quando custeadas por particulares.



Espaço correspondente às povoações do Planalto de Piratininga, na Capitania de São Vicente, no final do século XII. Fonte: MONTEIRO, J. M. **Negros da Terra: Índios e bandeirantes nas origens de São Paulo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

Os primeiros assentamentos vicentinos eram voltados para as necessidades locais, mas foram gradualmente servindo aos propósitos da Coroa. No entanto, apesar de serem considerados importantes naquele momento, chegando a ser elevados à categoria de vilas, os povoados paulistas sofriam de carências, contando com pouca atenção da metrópole e com escassez de recursos. Entre essas carências, uma das mais importantes era referente à mão-de-obra. De acordo com o antropólogo e historiador John Monteiro, foi justamente a arregimentação de mão-de-obra que deu notoriedade aos sertanistas paulistas naquele contexto da história da colonização.

Esses sertanistas – que posteriormente ficaram conhecidos como bandeirantes - eram, em sua maioria, descendentes de portugueses e recebiam financiamento da Coroa para seus empreendimentos exploratórios. Para obter apoio financeiro da Coroa, apresentavam suas expedições ao interior da América como se fossem organizadas com objetivo de buscar jazidas de metais e de pedras preciosas. Entretanto, muito além dessas motivações, tais incursões, segundo John Monteiro, objetivavam o apresamento de povos originários, para serem escravizados e nessa condição trabalharem nas atividades econômicas desenvolvidas pelos paulistas.

As bandeiras possuíam forte caráter militar, mesclando armas europeias com táticas de movimentação indígena. Utilizavam-se de diversos conhecimentos locais, com destaque aos que se referiam às trilhas indígenas, conhecidas como *peabirus*, que ligavam diversas regiões da América e facilitavam as numerosas campanhas feitas a pé.

Com o uso do idioma local, os vicentinos puderam firmar variados acordos com os grupos nativos, com os quais realizaram comércio e outras formas de intercâmbio, aproveitando-se também dos conflitos entre os diversos grupos indígenas para estabelecer aliados que pudessem auxiliar nos combates, e aproveitarem-se dos conhecimentos entre os quais os relativos à cura, às técnicas construtivas e à alimentação. Alguns grupos conseguiam vantagens ao se integrar às práticas paulistas, contudo, fosse pela disseminação de doenças ou por relações desiguais de força, estas populações pouco se beneficiavam a longo prazo.

O ponto central da violência contra as populações nativas na América daquele contexto foi, de acordo com o pesquisador John Monteiro, a escravização de indígenas para que a economia paulista pudesse ser viabilizada. Depois de terem dizimado a população nativa das

imediações das vilas paulistas, as bandeiras passaram a ser organizadas para atingir regiões mais longínquas, como a do Guairá, região que atualmente faz parte do Estado do Paraná, mas na época era uma área de colonização espanhola (veja o espaço correspondente a esse local no mapa). De acordo com Monteiro, no ano de 1628, sertanistas paulistas atacaram as aldeias da área, escravizando as populações nativas e conduzindo-as de forma violenta para as vilas paulistas. Os que resistiram foram mortos, queimados e assolados. Também o chamado “Sertão dos Patos”, igualmente representados nesse mapa, foram alvo da ação dos sertanistas paulistas, em período posterior aos ataques na região do Guairá.

Nesse processo de escravização, a violência era imensa. O próprio deslocamento no espaço em direção à capitania de São Vicente era marcado por grande mortandade, quando pessoas doentes, idosos e até mesmo crianças eram mortas por não conseguirem acompanhar o grupo. Casos assim ocorreriam também em todo o contorno dos Rios Uruguai, Paraná e Prata. Desta maneira, povoações indígenas foram dizimadas nessas regiões; os que não foram escravizados ou mortos tiveram de fugir para outros locais.

Foi desse modo que os povos originários da colônia, sobretudo os integrantes do grupo étnico Guarani, se tornaram as principais vítimas dos ataques e apresamentos paulistas em uma história na qual os indígenas perdiam sua liberdade para viabilizar a exploração econômica da região e instituir desigualdades que permanecem até os dias atuais.

Para saber mais sobre esse tema, você pode consultar os materiais que utilizamos para elaborar este trabalho:

ANDREZZA, M. **Andanças e paranças pelos sertões da área de irradiação paulista (1500 – 1899)**. Caravelle, 2012, 99 ed., p. 15-34.

MONTEIRO, J. M. **Negros da Terra: Índios e bandeirantes nas origens de São Paulo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 57-68.

PICCOLOTTO, B. **Dilatação dos conflitos: caminhos, velas e cidades na formação da Capitania de São Paulo (1532-1822)**. Anais do Museu Paulista, São Paulo, 2009/2010, p. 1-87.